



## **(DES)VINCULAÇÃO NOS SEM ABRIGO**

**Paula Carrinho**  
**Anabela Sousa Pereira**  
Universidade de Aveiro

*Fecha de recepción: 6 de enero de 2011*  
*Fecha de admisión: 10 de marzo de 2011*

Pretendemos com o presente artigo apresentar o primeiro estudo realizado em Portugal ao nível da tradução, adaptação e validação do Attachment Style Questionnaire (ASQ) junto da população portuguesa, encontrando os padrões de vinculação da população sem abrigo a residir em centros de acolhimento e comunidades de inserção.

*Palavras-chave:* Vinculação, Sem abrigo

### **INTRODUÇÃO**

A escassez de literatura sobre a problemática dos sem abrigo, sugere a necessidade de aprofundar e compreender esta temática no seu âmbito, de forma a torná-la incontornavelmente prioritária aos olhos dos detentores do poder. No ano europeu de combate à exclusão social, altura em que o desemprego, a pobreza e a crise de valores fazem parte do quotidiano de todos nós, a tolerância à miséria assume estados de indiferença chocantes. Usualmente a literatura sobre sem abrigo é descritiva. Simbólico o facto da “patologia do vínculo” ser escrita de forma tão defensiva, como se nos referíssemos a uma temática meramente estatística. Será, quiçá, este um movimento de apreensão gerado pela dificuldade que antevemos no estabelecimento de vínculos com quem destes tão arduamente se defende.

Se reflectir sobre a problemática dos sem abrigo se constitui como algo delicado, não será menor o desafio de compreender as especificidades dos padrões de vinculação desta população.

A vinculação é um factor da maior importância para se compreender a adaptação do indivíduo ao seu meio social. A vinculação desenvolvida durante a primeira infância influencia a personalidade do indivíduo a longo prazo, mais precisamente a sua confiança em si mesmo e nos outros e consequentemente a profundidade das suas relações sociais. De facto, parece existir uma continuidade do modelo de vinculação desde a infância até à idade adulta (Rothbard e Shaver, 1994; Stein, Jacobs, Ferguson; Allen e Fonagy, 1998). Bowlby (1969), tinha já sugerido que as relações de vinculação podem transformar-se ao longo da vida adulta em função de novas experiências emocionais como também por via da reinterpretação das experiências passadas e presentes. Reiteramos a



## **(DES)VINCULAÇÃO NOS SEM ABRIGO**

ideia de que, as alterações ao longo do ciclo de vida podem ser influenciadas por rejeições, separações e perdas, mesmo experiências positivas bem como a própria adesão terapêutica (Van IJzendoorn, 1995). As relações significantes podem ser factores de risco ou de protecção consoante promovem o bem-estar global do indivíduo, ou pelo contrário, gerem condições adversas que impliquem sofrimento (Machado, 2004). Destacamos, no entanto, que a análise dos estudos revelou que intervir ao nível dos padrões de vinculação é uma tarefa difícil e que as intervenções apenas provocam mudanças relativamente moderadas (Bakermans-Kranenburg et al., 2003).

Com o propósito de estudar em indivíduos adultos os modelos operacionais internos ligados à vinculação (internal working models), George, Kaplan e Main (1985) desenvolveram a Adult Attachment Interview (AAI). O AAI é um questionário semi estruturado que permite classificar os indivíduos adultos a partir das suas representações das relações vividas com os seus pais durante a infância bem como através da coerência dos seus discursos (Bakermans-Kranenburg e Van IJzendoorn, 1993).

Parece-nos de facto importante conhecer a prevalência dos tipos de vinculação nas diferentes fases da vida dos indivíduos da população em geral e não apenas os tipos de vinculação dos pais. Um tal conhecimento descritivo constitui a primeira etapa para se compreender, entre outras coisas, o desenvolvimento socio-afectivo e as diversas dimensões da vida social, tais como a evolução das percepções de si mesmo e do outro ao longo da vida, o desenvolvimento da capacidade para a intimidade, a evolução das relações de amizade, das relações amorosas, das relações de trabalho e mais especificamente, das relações entre pais e filhos. Permitirá ainda perceber se existe a possibilidade da intervenção técnica poder reparar padrões de vinculação inseguros, alterando assim a forma como os sujeitos interagem do ponto de vista afectivo e emocional.

Dentro do quadro do presente estudo, interessámo-nos pelo Attachment Style Questionnaire (ASQ), desenvolvido por Feeney, Noller e Hanrahan (1994) uma vez que é um instrumento de fácil utilização e que avalia as dimensões sociais gerais ligadas à vinculação adulta.

Para desenvolver o ASQ, Feeney e colaboradores inspiraram-se no trabalho de Hazan e Shaver (1987) e no modelo de Bartholomew e Horowitz (1991), que fazem, eles próprios, referência à noção de modelo interno de si e do outro de Bowlby (1973). Este questionário do tipo Likert oferece ainda a vantagem de ser composto por itens que não estão especificamente relacionados com um tipo preciso de relação social, como as relações amorosas ou de amizade. Esta característica, tal como frisam os próprios autores, oferece a possibilidade de explorar a vinculação indivíduos que conheceram poucas experiências amorosas. Feeney e colaboradores (1994) validaram originalmente o ASQ junto de estudantes universitários da Austrália e mais recentemente, Soucy, Bernier Larose e Duchesne (1996) validaram-no no Quebec junto de um grupo de estudantes francófonos do secundário e pré-universitários. Sem esquecer que este questionário visa antes do mais avaliar o tipo de vinculação dos adultos e adolescentes de ambos os sexos, pareceu-nos importante que fosse validado junto de um grupo o mais representativo possível da população adulta de forma a poder ser utilizado segundo uma linha condutora que permitisse determinar a prevalência dos estilos de vinculação.

O presente trabalho refere-se ao primeiro estudo realizado em Portugal ao nível da tradução, adaptação e validação do ASQ junto da população portuguesa, encontrando os padrões de vinculação da população sem abrigo a residir em centros de acolhimento e comunidades de inserção.

## **MÉTODO**

### **Participantes**

Foram seleccionados 200 indivíduos (100 sem abrigo e 100 seleccionados de população em geral) garantindo a homogeneidade nas variáveis sexo e idade. A média de idade da população sem



## DESAFÍOS Y PERSPECTIVAS ACTUALES DE LA PSICOLOGÍA EN EL MUNDO ADULTO Y ENVEJECIMIENTO

abrigo é de 39 anos ( $dp= 8,54$ ), sendo o mais novo de 19 anos e o mais velho de 61, e média de idade da população em geral é de 38 anos ( $dp=7,65$ ), sendo o mais novo de 19 e o mais velho de 61.

A média de idades da amostra total ( $n= 200$ ) é de 38 anos ( $dp=8,12$ ) sendo que a maioria dos sujeitos desta investigação pertence ao sexo masculino (78,5%).

No grupo dos sem abrigo maioria dos sujeitos pertence ao género masculino (80%) e os restantes 20% ao género feminino.

O grupo dos sem abrigo foi recolhido em duas instituições de acolhimento, (Comunidade de Inserção Novo Olhar e Farol) sendo importante destacar que todos estão nesta fase em situação de apoio residencial, com satisfação das necessidades básicas garantidas, acompanhamento social e psicológico, bem como com projectos de inserção em curso.

### Instrumentos

O Questionário de Estilos de Vinculação nos Sem Abrigo (QEVSA) constitui a tradução e adaptação para a versão portuguesa do ASQ do original de Feeney, Noller e Hanrahan (1994). É composto por 40 itens concebido para avaliar a vinculação adulta. Feeney e colaboradores (1994), criaram um questionário inicial de 65 itens e, através de análises estruturais, reduziram este número para 40 itens. Aos participantes era pedido que avaliassem, (numa escala de tipo Likert de 6 pontos, desde 1-discordo totalmente ao 6-concordo totalmente) em que medida cada um dos itens descrevia os seus sentimentos e comportamentos em relações “próximas”. Os 40 itens organizam-se em cinco dimensões: (1) confiança (em si próprio e nos outros); (2) desconforto com a proximidade; (3) necessidade de aprovação/reforço dos outros; (4) preocupação com as relações; e (5) considerar as relações como secundárias (relativamente a atingir objectivos noutros domínios, tais como escola ou carreira profissional).

O desconforto com a proximidade ou a percepção da relação como algo secundário estão, de forma clara, conceptualmente ligadas à vinculação evitante. No estudo de Brennan e colaboradores (1998), a correlação destas duas escalas com o factor evitante eram de .90 e .61 respectivamente. A preocupação com as relações e necessidade de aprovação/reforço por parte dos outros estão conceptualmente relacionadas à vinculação ansiosa e obtiveram os valores de .86 e de .62 respectivamente. A escala de falta de confiança (combinando o julgamento dos outros em relação a si, mas enfatizando a falta de confiança nos outros) obteve resultados largamente relacionados com a vinculação evitante .70.

Waal & Rönnlund (2007) defendem que altos valores na sub escala confiança se relacionam de forma significativa com a vinculação segura.

Numa amostra extensa de estudantes pré-universitários Feeney e colaboradores (1994), encontraram coeficientes alfa de Cronbach para as cinco escalas com valores desde os .76 aos .84 e coeficientes de estabilidade entre  $r=67$  e  $r=78$  para um período de 10 semanas.

Vários investigadores utilizaram o ASQ para avaliar o estilo de vinculação em adultos e adolescentes e deste modo contribuíram para atestar a sua solidez e validade. Um estudo efectuado por Fossati e colaboradores (2003) reforçou a estrutura de cinco factores da versão italiana do ASQ tanto em amostras clínicas quanto em amostras não clínicas, ao mesmo tempo que concluiu que as cinco escalas confluíam em dois grandes factores: vinculação ansiosa e evitante. O ASQ pode revelar-se particularmente útil em estudos nos quais facetas específicas de ansiedade e de evitamento sejam relevantes.

### Procedimentos

A selecção dos indivíduos adultos da amostra foi feita de forma aleatória, tendo sido seleccionada duas instituições disponíveis. Os dados foram recolhidos junto dos participantes durante o ano de 2009.



## (DES)VINCULAÇÃO NOS SEM ABRIGO

Foi pedido a colaboração voluntária; explicação sobre a natureza do estudo e do tipo de tratamento de dados; garantia da estrita confidencialidade das respostas.

Relativamente aos procedimentos no instrumento a utilizar, após a concessão da autorização pelas autoras do questionário, procedemos à sua tradução e adaptação de acordo com a seguinte metodologia: tradução do questionário para o idioma português; retroversão para a língua inglesa por um tradutor independente; comparação das duas versões do questionário, discussão e correcção das diferenças existentes entre elas.

Para garantir a compreensão, facilidade de preenchimento e pertinência das questões, da versão final de consenso, realizou-se um estudo piloto a dez sem abrigo não pertencentes à amostra do estudo. Foi-lhes solicitado que indicassem dificuldades e sugerissem alterações. Após as modificações propostas, foi obtida uma versão final em português, posteriormente submetida a uma retroversão para o inglês. O resultado desta foi depois comparado com o original. Repetiu-se este procedimento até se alcançar formas concordantes e satisfatórias.

## RESULTADOS

A normalidade da amostra foi testada através da prova do teste Shapiro-Wilk, usado para verificar a proximidade da distribuição das variáveis com a curva normal.

Quadro n.º1

*Médias e desvios-padrão do grupo dos sem abrigo e grupo de referência, no QVESA*

Total n=200	Grupo sem abrigo			Grupo de referência		
Sub escalas	n	Média	DP	n	Média	DP
Preocupação com os relacionamentos	100	4.16	0.86	100	3.65	0.74
Confiança	100	3.79	1.08	100	4.24	0.53
Desconforto com proximidade	100	3.71	0.66	100	3.22	0.54
Relacionamento como factor secundário	100	3.20	1.02	100	2.27	0.75
Necessidade de reforço	100	3.78	0.89	100	3.15	0.81
Vinculação Evitante	100	3.64	0.54	100	3.25	0.44
Vinculação Ansiosa	100	3.89	0.76	100	3.48	0.60

Como podemos verificar no quadro 1 o grupo dos sem abrigo apresenta médias superiores em todas as sub escalas excepto na confiança (M=3.79, DP=1.08).

Utilizando o teste *t-student* constatamos que o grupo dos sem abrigo apresenta médias significativamente superiores no *desconforto relativamente à proximidade* ( $t=5.77$ ;  $p<.001$ ); no *relacionamento enquanto factor secundário* ( $t=7.28$ ;  $p<.001$ ); na *necessidade de reforço/aprovação* ( $t= 5.18$   $p<.001$ ) e na *preocupação com os relacionamentos* ( $t= 4.47$ ;  $p<.001$ ), *vinculação evitante* ( $t =5.61$ ;  $p<.001$ ) e *vinculação ansiosa* ( $t=4.14$ ;  $p<.001$ ). O grupo dos sem abrigo apresenta médias significativamente mais baixas de confiança ( $t=3,72$ ;  $p<.001$ ).

Esta escala revelou níveis adequados de consistência interna, obtido com o alfa de Cronbach de 0,80.



## DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O QVESA, tal como anteriormente exposto, é um questionário de auto resposta, composto por quarenta perguntas, que através de um processo de cotação se converte em cinco factores referentes às dimensões sociais gerais ligadas à vinculação adulta e dois factores referentes à vinculação evitante e ansiosa. Na presente investigação é feita uma análise destes sete factores. Passamos de seguida a apresentar o entendimento que os autores da escala atribuem aos itens: *vinculação ansiosa e evitante*.

De acordo com os itens que constituem o factor evitante das relações sociais, uma pontuação elevada nesta escala corresponde a indivíduos que se sentem pouco à vontade na presença dos outros. Dizem não ter confiança nos outros e revelam estar decepcionadas com as suas relações interpessoais. Não conseguem perceber porque as outras pessoas haviam de gostar delas ou desejar estabelecer relações. Assim sendo, têm tendência a não investir nas suas relações sociais, a não se abrir com os outros, em suma, a evitar toda a potencial intimidade. Dizem ser independentes dos outros, exprimindo sempre sentimentos de rejeição e de isolamento.

De acordo com os itens que constituem o factor Preocupação em ser amado, uma pontuação elevada nesta escala corresponde a indivíduos que sentem que não têm grande valor e que não merecem o amor dos outros. Desejariam estar mais próximos dos outros e inquietam-se por lhes serem indiferentes e por não serem amados. Atribuem, assim sendo, muita importância ao que os outros pensam e preocupam-se em fazer as coisas de forma a serem amadas e a agradar.

Por fim, os indivíduos Ambivalentes são aqueles que manifestam traços das duas tendências. São de certa forma desorganizados e oscilam entre os dois modos de adaptação. Embora Ainsworth, Blehar, Waters e Wall (1978) utilizem o termo para se referirem às crianças resilientes (tipo C), iremos utilizá-lo aqui e com risco de gerar alguma confusão quanto ao facto de descrever o adulto que apresente as duas motivações contrárias, as saber, o evitamento das relações sociais e a busca compulsiva do amor dos outros.

Num estudo desenvolvido Sroufe e colaboradores (2005) as dimensões sociais gerais: *preocupação com as relações e necessidade de aprovação/reforço*, estão conceptualmente relacionadas à *vinculação ansiosa*, e obtiveram valores de .86 e de .62 respectivamente. Os autores concluíram que, a vinculação ansiosa está sobretudo associada a quadros de depressão e ansiedade; a vinculação evitante mostrou-se relacionada com problemas comportamentais e de conduta.

Segundo os dados recolhidos na bibliografia consultada as dimensões sociais gerais: *desconforto com a proximidade e a percepção da relação como algo secundário* estão, de forma clara, conceptualmente ligadas à *vinculação evitante*. No estudo de Brennan e colaboradores (1998), a correlação destas duas escalas com o factor evitante foram de .90 e .61 respectivamente. Resultados baixos na sub escala da *confiança* (combinando o julgamento dos outros em relação a si, mas enfatizando a falta de confiança nos outros) também obtiveram resultados largamente relacionados com a vinculação evitante, .70.

Tendo em conta os resultados obtidos podemos verificar que o grupo dos sem abrigo apresenta valores mais elevados em todas as dimensões à excepção da sub escala confiança. Assim, embora tenham nesta fase da sua vida apoio técnico, situação residencial e condições de sobrevivência asseguradas, os sem abrigo demonstram índices de vinculação evitante e ansiosa mais elevados, maior preocupação com as relações, maior desconforto com a proximidade, maior necessidade de reforço/aprovação e maior percepção das relações como algo secundário.

Apresentam ainda menores níveis de confiança o que se pode correlacionar com a ausência de padrões de vinculação seguros.



## **(DES)VINCULAÇÃO NOS SEM ABRIGO**

Os dados encontrados neste estudo são consonantes com o estudo de Bento e Barreto (2002), que analisaram o padrão de vinculação de 18 sem abrigo, constatando que nenhum apresentou um padrão de vinculação seguro, não tendo por isso construído um grau de confiança básica nos outros e em si próprios, que advém do estabelecimento de uma boa relação precoce. Os sem abrigo não se revelam apenas ao nível do evitamento em relação aos outros mas também com elevadas preocupações em relação a expectativa de serem rejeitados (Bento & Barreto, 2002).

Assim, quer na bibliografia recolhida, quer no presente estudo, os dados sugerem que esta população pode oscilar entre estes dois modos de adaptação (evitante e ansioso), manifestando, muitas vezes, um comportamento afectivo ambivalente.

## **CONCLUSÕES**

Pretendemos, através da análise das dimensões sociais gerais ligadas a vinculação adulta, contribuir para a compreensão da possível relação existente entre a problemática dos sem abrigo e teoria da vinculação. Para além de viver fora da protecção de quatro paredes a população sem abrigo parece sobreviver fora da protecção das relações afectivas. A “doença dos laços” ou a “patologia do vínculo”, mais do que terminologias utilizadas por diversos autores na abordagem desta problemática, são amplos conceitos que põem em evidência o impacto da esfera afectiva e das dinâmicas relacionais estabelecidas ao longo do ciclo de vida, nos processos de exclusão social.

Relativamente ao instrumento utilizado neste estudo, podemos afirmar que o QVESA fornece uma avaliação da sociabilidade do indivíduo (isto é, a sua capacidade de interagir positivamente com os outros), mais precisamente a capacidade de estabelecer e manter com os outros contactos sociais íntimos e satisfatórios. Tendo em conta os objectivos do estudo, este instrumento demonstrou-se adequado, revelando ser facilmente compreendido.

Os resultados obtidos sugerem que a população sem abrigo parece corresponder a indivíduos que se sentem pouco à vontade na presença dos outros. Afirmam uma falta de confiança generalizada e revelam-se insatisfeitos com as suas relações interpessoais. Dificilmente percebem porque as pessoas não gostam deles ou desejam estabelecer relações. Têm tendência a não investir nas relações sociais, a não criar laços de proximidade, em suma, a evitar qualquer situação que presuponha níveis altos de compromisso e intimidade. Reiteram a sua independência, exprimindo frequentemente sentimentos de rejeição e de isolamento. Por outro lado, apresentam grande preocupação com os relacionamentos, sentem que os outros não lhes reconhecem o devido valor e, por tanto, não os estimam o suficiente. Desejariam estar mais próximos dos outros, inquietam-se quando lhes são indiferentes e sentem que não são amados.

Abordar temas como a vinculação na população sem abrigo é uma tarefa complexa, quer pela amplitude que a exclusão social comporta nesta população, quer pela própria exclusão poder funcionar como forma de defesa de uma relação de proximidade. Torna-se evidente que a condição de sem abrigo é precedida de um longo processo de desenraizamento familiar e social, com rupturas sucessivas.

Adquirem, assim, algum sentido os movimentos de auto-exclusão que perpetuam o viver na fronteira entre o “dentro e o fora”, no qual o “fora” se torna demasiado perigoso por todo o isolamento e abandono que implica, e o “dentro” demasiado ameaçador pelo nível de compromisso que exige e do qual estes indivíduos tão arduamente se defendem.

Podemos afirmar que trabalhar nesta área obriga ao desenvolvimento de uma capacidade inter-relacional tolerante, persistente e sem dúvida estimula-nos a viver com uma consciência social mais aguda. Quem não tem casa lembra-nos, a todos, do valor de tudo o que as quatro paredes comportam, quem elas abrigam e o quanto esta moldura nos define.



## AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer a todos os participantes no estudo, bem como à disponibilidade e colaboração das instituições Comunidade de Inserção Novo Olhar- Figueira da Foz e Farol- Coimbra.

## CONTACTOS PARA CORRESPONDÊNCIA

paulacarrinho@gmail.com

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ainsworth, M., Blehar, M., Waters, Z., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: a psychological study of the strange situation*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Bakermans-Kranenburg, M. J., Van IJzendoorn, M. H., & Juffer, F. (2003). Less is more: Meta-analysis of sensitivity and attachment interventions in early childhood. *Psychological Bulletin*, 129, 195-215.
- Bakermans-Kranenburg, M.J. & van IJzendoorn, M.H. (1993). A psychometric study of the Adult Attachment Interview: Reliability and discriminant validity. *Developmental Psychology*, 29(5), 870-879.
- Bartolomew, K. & Horowitz L.M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 226-244.
- Bento, A.; Barreto, E. (2002). *Sem-Amor, Sem-Abrigo*. Climepsi Editores.
- Bowlby, J. (1969). *Apego* (23 Ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss. Vol. II: Separation: anxiety and anger*. New York: Basic Books.
- Collins N., & Read, S. (1990). Adult attachment, working models and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 644-663.
- Emmanuelli, X. (1998), *L'homme n'est pas la mesure de l'home*. Paris : Presses de la Renaissance
- Feeney, A. Noller, P. (1996). *Adult attachment*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Feeney, J. A., Noller, P., & Hanrahan, M. (1994). Assessing adult attachment: Developments in the conceptualization of security and insecurity. In M. B. Sperling & W. H. Berman (Eds.), *Attachment in adults: Theory, assessment, and treatment* (pp. 128-152). New York: Guilford Press.
- Fossati, A., Donati, D., Donini M., Novella L., Bagnato M., Acquarini E., Maffei, C. (2003). On the Dimensionality of the Attachment Style Questionnaire in Italian Clinical and Nonclinical Participants. *Journal of Social and Personal Relationships*, Vol. 20, No. 1, 55-79.
- George, C., Kaplan, N., & Main, M. (1984-1988). *Adult Attachment Interview Protocol*. Manuscrito não publicado, University of California at Berkeley.
- Hazan C., & Shaver, P. R. (1990). Love and Work: an attachment theoretical perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 270-280.
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524.
- Machado, T. S. (2004). Vinculação e comportamentos anti-sociais. In A. C. Fonseca (Ed.). *Comportamento anti-social e crime. Da infância à idade adulta*. (pp. 291-321). Coimbra: Almedina
- Rothbard, J.C. & Shaver, P.R. (1994). Continuity of attachment across the life span. In M. B. Sperling, & W.H. Berman (Eds.), *Attachment in adults*, (pp. 128-152). New York: The Guilford Press.



## **(DES)VINCULAÇÃO NOS SEM ABRIGO**

- Simpson, J.A. (1990). Influence of attachment styles on romantic relations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 971-980.
- Soucy, N., Bernier, A., Larose, S., & Duchesne, S. (1996). *Validation transculturelle du ASQ*. Affiche présentée au XIX congrès de la SQRP, Trois-Rivières, Québec, Octobre 1996.
- Sperling, M. B., & Berman, W.H. (Eds.). (1994). *Attachment in adults: Clinical and developmental perspectives*. New York: Guilford Press.
- Sroufe, L.A., Egeland, B., Carlson, E. & Collings, W. A. (2005). *The development of the person: The Minnesota study of risk and adaptation from birth to adulthood*. New York: Guilford Press.
- Stein, H., Jacobs, N.J., Ferguson, K.S., Allen, J.G. & Fonagy, P. (1998). What do adult attachment scales measure? *Bulletin of the Menninger Clinic*, 62(1), 33-82.
- Van Ijzendoorn, M. (1995). Of the way we are: On temperament, attachment, and the transmission gap: A rejoinder to Fox (1995). *Psychological Bulletin*, Vol. 117, N° 3, 411-415.
- Wall, P. & Rönnlund, M. (2007). *Adult attachment and psychopathological symptoms as assessed by the Attachment Style Questionnaire and Symptom Checklist -90 a correlational study*. Umea University